

EDWARD LEAR E SEU NONSENSE ERRANTE

Dirce Waltrick do Amarante*
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

Este ensaio apresenta uma breve análise da obra do escritor inglês Edward Lear a partir de sua biografia. Lear foi um grande viajante, conheceu muitos países e descreveu em sua obra suas habitantes e suas paisagens da perspectiva, porém, do “colonizador inglês”.

PALAVRAS-CHAVE

Edward Lear, *nonsense*, biografia

O desenhista, pintor e escritor inglês Edward Lear (1812-1888), considerado, junto com Lewis Carroll, um dos pais da literatura *nonsense* vitoriana, teve que deixar ainda jovem a sua fria Inglaterra. Sua saúde debilitada – Lear sofria de asma e bronquite – o obrigou a se estabelecer num lugar de clima mais ameno.

Aos 25 anos, o artista mudou-se finalmente para a Itália e nunca mais voltou a morar em sua terra natal.

No início, Lear, um viajante compulsivo, apreciou a vida errante. Mas não demorou a perceber que as viagens constantes e a quase impossibilidade de permanecer no seu país o haviam transformado num exilado, e essa condição significava que não mais pertencia a lugar nenhum: para os amigos de Londres, ele seria sempre alguém que mora no exterior e volta para casa nos meses de verão, já no continente seria apenas mais um dos visitantes de inverno.¹

Lear, porém, fazia questão de ser inglês. Na opinião de G. K. Chesterton, aliás, embora o artista fosse uma pessoa instruída e informada, “ele era provinciano, assim como os demais ingleses instruídos de sua época”.² E esse provincianismo está explícito não só nas cartas deixadas por Lear, mas também em parte de seus textos *nonsense*. De fato, afirmou Chesterton: Lear “podia ler sobre estrangeiros, mas não podia falar com eles”.³ Um exemplo dessa falta de comunicação entre Lear e as outras culturas pode ser percebido numa das cartas que o artista enviou de Damasco à sua amiga Lady Waldegrave, em 1858, na qual fala do povo árabe e da relação deles com viajantes americanos:

*dwa@matrix.com.br

¹ NOAKES. *Edward Lear*, p. 46.

² CHESTERTON. *A handful of authors*, p. 121.

³ CHESTERTON. *A handful of authors*, p. 123.

Esses animais [os árabes] tomaram todos os seus tesouros, não apenas roupas, mas livros, coleção de plantas etc., coisas sem utilidade para eles, mas eu acho que as pegaram para o divertimento de suas horríveis criancinhas negras e bestiais.⁴

Numa outra carta de Lear, enviada de Ardee, na Irlanda, também para Lady Waldegrave, o artista se refere ao povo irlandês como pessoas engraçadas e estranhas, tanto no modo de falar quanto no de agir e pensar, o que lhe fez “cair na gargalhada”, segundo sua própria expressão. De sua estada na Irlanda, Lear concluiu: “Os irlandeses são pessoas engraçadas & (sic), no momento que se chega aqui, torna-se evidente que a Inglaterra e a Irlanda são países muito diferentes em diversos aspectos.”⁵

Apesar desse desconforto em terras estrangeiras, Edward Lear aproveitou suas viagens para dar continuidade a sua arte. As novas paisagens deram a ele inspiração para compor, primeiramente, livros de viagem e, em seguida, também textos *nonsense*.

Quando deixou a Inglaterra, Lear já era reconhecido por seu trabalho como ilustrador de história natural. Em Londres, o artista havia trabalhado com o especialista em ornitologia Prideaux Selby e, depois de adquirir com ele experiência como ilustrador de animais, publicou sozinho seu primeiro livro de ilustrações, intitulado *Ilustrações da família dos psitacídeos, ou papagaios* (1832).

Lear, contudo, teve que abandonar ainda cedo os desenhos de zoologia, pois eles lhe exigiam a reprodução de detalhes, os quais a sua visão cada vez mais fraca não mais lhe permitia alcançar e reproduzir.

No ano de 1835, o artista fez seus primeiros esboços de desenhos de paisagens. Mas foi a sua mudança para a Itália e os seus primeiros 11 anos em Roma que lhe deram o material necessário para publicar seus dois primeiros livros de viagem: *Paisagens de Roma e seus arredores*, de 1841, e *Excursões ilustradas na Itália*, de 1846. Este último livro impressionou de tal forma a Rainha Vitória que ela contratou o artista para lhe dar aulas de desenho.

Em 1846, Lear voltou para passar uma longa temporada na capital inglesa, onde lecionou desenho à Rainha e visitou os amigos. Nesse mesmo ano, publicou seu primeiro livro de poemas, que se intitulava *A book of nonsense (Um livro de nonsense)* e continha setenta de dois poemas breves, escritos para crianças e acompanhados de ilustrações do próprio autor. Esses versos, todavia, não eram recentes, Lear os havia escrito há mais de duas décadas, quando ainda vivia na Inglaterra.

O que levou o artista a publicar seus poemas depois de tanto tempo ainda é uma incógnita; o certo é que *Um livro de nonsense* trouxe-lhe fama e dinheiro. Dinheiro que Lear investiu em viagens, pois buscava novas paisagens para desenhar.

Sabe-se ainda que a importância do livro foi tanta para a história da literatura que o termo *nonsense*, no contexto literário, teria sido tomado de empréstimo do título dessa obra.

De fato, os poemas curtos (de quatro ou cinco versos, conforme disposição gráfica) que compunham o livro se tornaram extremamente populares e receberam posteriormente

⁴ STRACHEY. *Letters of Edward Lear*, p. 102, 103.

⁵ STRACHEY. *Letters of Edward Lear*, p. 52.

(no século XIX) a denominação de limeriques (estou aportuguesando a grafia de *limerick*), denominação que associa até hoje os versos de Lear a uma velha tradição de poesias curtas, surgida, alguns acreditam, na França no século XVII.

De volta ao seu exílio, na Europa Continental, Lear continuou desenhando e escrevendo seus textos *nonsense*, agora com regularidade. Passou também a dedicar-se à pintura, arte que não lhe deu retorno financeiro nem renome.

Nos anos seguintes, Lear publicou novos livros de viagens, assim como novos livros de prosa e poesia. Se os cenários “exóticos” inspiravam os desenhos de Lear, também as pessoas, as línguas e os costumes diversos que encontrou serviram-lhe de inspiração. Por isso, talvez, nos textos *nonsense* do artista inglês o leitor encontre inúmeros personagens estrangeiros – muitos deles nativos de colônias britânicas –, retratados, no entanto, como seres fora do comum, insociáveis e até monstruosos, que precisam ser disciplinados pela sociedade, obviamente, a sociedade inglesa do período vitoriano. Não se pode esquecer ainda que, no final do século XIX e início do XX, época em que Lear escreve seu *nonsense*, o Império Britânico viveu o seu apogeu, o que parece ter gerado em parte da população inglesa um forte sentimento de superioridade racial sobre outros povos. Segundo Vicent Cheng: “A convicção de que a *Pax Britannica* realmente estaria a serviço dos melhores interesses do resto do mundo (...) tendia a reforçar a presunção etnocêntrica de genialidade do povo anglo-saxão para regular suas vidas e as de outros povos.”⁶

Na obra de Lear, a sociedade inglesa é representada pelo pronome “eles”. E, “eles”, como afirma o escritor Aldous Huxley, são “a força da opinião pública”, que “sem exceção, odeia excentricidades”.⁷ Contudo, nos textos de Lear, não há uma defesa da sociedade repressora, tampouco do cidadão reprimido; o artista inglês apenas enfatiza a tensa relação entre eles e, às vezes, muito ocasionalmente, uma harmonia entre os mesmos.

Cabe lembrar que os poucos ingleses descritos por Lear são, em geral, pessoas “normais”, ou seja, ingleses que viviam em harmonia com a sociedade britânica. Esse aspecto da obra do artista revela ainda mais o seu caráter insular.

Contudo, foi longe da sua Inglaterra, mas sempre próximo dos amigos ingleses, que trabalhavam nas colônias do Império Britânico, que Lear escreveu, na opinião de alguns estudiosos como, por exemplo, Vivien Noakes, sua principal biógrafa, seu “mais importante *nonsense*”.⁸ São dessa época suas histórias em prosa e verso, suas canções, além de sua botânica e de seus abecedários.

Uma das canções dessa fase da vida de Lear é “O Galanteio do Iongui-Bongui-Bô”, cujo nome do protagonista, acreditam os estudiosos, tenha se originado da linguagem de um empregado italiano do artista, que acabava todas as sentenças com o incompreensível refrão “Díngui Dónghi Dà”.

“O Galanteio do Iongui-Bongui-Bô” narra a história de Bô, um nativo da Costa do Coromandel (ou Porto de Kakinada, na minha tradução, o qual também fica na Índia), na Índia, que se apaixona por uma inglesa, Sra. Jingly Jones (na minha tradução Sra. Theresa

⁶ CHENG. *Joyce, Race, and Empire*, p. 19.

⁷ HUXLEY. *On the margin*, p. 169.

⁸ NOAKES. *The complete verse and other nonsense*, p. xxx.

Trancoso), a qual já está comprometida com um cidadão britânico. Bô, cuja fisionomia é medonha e não possui muitos bens materiais, é simplesmente preterido. Ao final do poema, o protagonista se vê obrigado a abandonar a sua própria terra, a fim de esquecer seu grande amor. Lady Jones, a inglesa, permanece na Índia, então colônia britânica. Mas ela chora, talvez arrependida por ter perdido Bô; ou talvez sentindo-se culpada por ter-lhe expulsado de seu país de origem. Eis os versos finais do poema no original e na minha tradução:

Through the silent-roaring ocean
Did the Turtle swiftly go;
Holding fast upon his shell
Rode the Yonghy-Bonghy-Bò.
With a sad primaeval motion
Towards the sunset isles of Boshen
Still the Turtle bore him well.
Holding fast upon his Shell,
“Lady Jingly Jones, farewell!”
Said the Yonghy-Bonghy-Bò,

Said the Yonghy-Bonghy-Bò.
From the Coast of Coromandel,
Did that Lady never go;
On that heap of Stones she mourns
For the Yonghy-Bonghy-Bò.
On the Coast of Coromandel,
In his jug without a handle,
Still she weeps, and daily moans;
On that little heap of Stones
To her Dorking Hens she moans,
For the Yonghy-Bonghy-Bò,
For the Yonghy-Bonghy-Bò.

[Através do mar calmo-turbulento
A tartaruga velozmente nadou;
Agarrado a seu casco com firmeza,
O Iongui-Bongui-Bô viajou.
Com um triste e simples movimento
Rumo ao poente das ilhas Sacramento
A tartaruga ainda o levou com presteza.
Agarrado a seu casco com firmeza,
“Adeus, Cara Senhora Theresa!”,
Disse o Iongui-Bongui-Bô,

Disse o Iongui-Bongui-Bô.
O Grande Porto de Kakinada
Aquele dama nunca deixou;
No mesmo monte rochoso chora
Pelo Iongui-Bongui-Bô.
No Grande Porto de Kakinada,
Na sua jarra de asa quebrada,
Ainda lastima e sempre chora;
No mesmo montinho de outrora
Junto às suas galinhas chora,
Pelo Iongui-Bongui-Bô,
Pelo Iongui-Bongui-Bô.]

Outro poema de Lear, este escrito durante uma viagem à Índia, fala de um monstro que engole donzelas indefesas. O título do poema é “The cummerbund”, sendo *cummerbund* uma palavra corrente na língua inglesa, significando: faixa usada na cintura pelos nativos da Índia. Esse poema demonstra de que forma as viagens influenciaram a poesia e a prosa *nonsense* de Lear, e qual era a sua visão do estrangeiro. Eis um fragmento do poema no original e na minha tradução:

“The cummerbund”
She sate upon her Dobie,
She heard the Nimmak hum,
When all at once a cry arose,
“The Cummerbund is come!”
In vain she fled: – with open jaws
The angry monster followed,
And so, (before assistance came,)
That Lady Fair was swallowed

“O cinturão”
Sentada numa almofada,
Ouvia uma linda canção,
Quando um grito soou longe:
“Lá vem vindo o Cinturão!”
Em vão fugiu: – com a boca aberta
O furioso Monstro a seguiu,
E, assim, antes que ajuda viesse,
Ele a bela dama engoliu.

Mas Lear, ao contrário de outro ilustre viajante, o belga Henri Michaux, nunca fez sua *mea culpa*, pois não se considerava um bárbaro nem se lamentou da “cegueira de quem se beneficia das vantagens de uma nação e de uma situação momentaneamente

privilegiadas”, como o fez Michaux.⁹ Para o artista inglês, os povos e as pessoas que ele encontrou fora da Inglaterra nunca lhe pareceram muito reais. Todavia, foi ao lado desses seres irreais que ele viveu os anos de maturidade e talvez seu período mais criativo como artista. Essa experiência de se sentir imerso na irrealidade do mundo talvez seja uma das essências do seu *nonsense*, que põe em xeque os sentidos estabelecidos, as verdades do bom senso.

Além dos poemas mencionados acima, podemos considerar que os limeriques, no seu conjunto, são como diários de viagem. Neles, Lear registra pessoas e fatos de terras distantes. Só para mencionar alguns exemplos, cito o limerique que fala do velho do Nilo, que afiava as unhas com serra. Ou, num outro limerique, temos um velho de Apúlia, que tinha hábito “bastante peculiar”, na opinião do escritor, de alimentar seus filhos com pães doces.

Por fim, não poderia deixar de mencionar a botânica *nonsense* de Lear, que começou a ser escrita durante um passeio pelas montanhas de Grasse, no sul da França. Essas montanhas deram a Lear inspiração para imaginar plantas incríveis, nenhuma rosa, ou tulipa, mas vegetais exóticos, ao gosto das regiões quentes do mediterrâneo.

A botânica *nonsense* consiste, desse modo, em desenhos de plantas imaginárias, que se originaram do cruzamento de vegetais com seres vivos ou objetos inanimados como, por exemplo, a *Faciobesia Estupenda*, que tem a forma de um rosto enorme e gordo numa haste de girassol, ou a *Chachimbia Gratiosis*, que é um longo e formoso cachimbo estendido para fora de uma moita de capim. Sobre a botânica de Lear, Noakes diz existir indícios de que o artista tenha sofrido a influência do livro *Hortus Sanitis*, escrito no final do século XV.¹⁰ Mas também não se pode deixar de mencionar que, na época da composição da botânica *nonsense*, a Inglaterra investia nos grandes catálogos de bichos e plantas trazidas de todas as partes do mundo. Parte desses catálogos foi exposta no Palácio de Cristal, edifício de ferro e vidro construído no Hyde Park de Londres, em 1851, para abrigar a maior exibição da indústria de todas as nações e para enfatizar a supremacia do Império Britânico. Desse modo, com a sua botânica *nonsense*, Lear traria também sua contribuição para a exposição do Hyde Park e reforçaria a “missão imperialista” de suas viagens, porém, ao mesmo tempo, minando, graças ao humor e à ironia, essa mesma ideologia. Essa é, enfim, a rica ambiguidade dos textos *nonsense* de Lear que comentei aqui.



⁹ MICHAX. *Um Bárbaro na Ásia*, p. 14, 15.

¹⁰ NOAKES. *The complete verse and other nonsense*, p. 511, 512.

ABSTRACT

This essay briefly analyses the work of the English writer Edward Lear through his biography. Lear was a traveler, knew lots of countries, and described in his work their people and their landscape from the perspective of the “English colonizer”.

KEYWORDS

Edward Lear, *nonsense*, biography

REFERÊNCIAS

- CHENG, Vincent J. *Joyce, race, and empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- CHESTERTON. G. K. *A handful of authors*. New York: Sheed and Ward, 1953.
- HUXLEY, Aldous. *On the margin*. London: Chatto & Windus, 1971.
- MICHAUX, Henri. *Um bárbaro na Ásia*. Trad. Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- NOAKES, Vivien. *Edward Lear*. Glasgow: William Collins Sons & Co Ltd, 1979.
- NOAKES, Vivien (Org.). *The complete verse and other nonsense*. New York: Penguin Books, 2002.
- STRACHEY, Lady (Org.). *Letters of Edward Lear*. New York: Books for Libraries Press.